

OS LUGARES DE PATRÍCIA GALVÃO: TECENDO UMA GEOBIOGRAFIA

THE PLACES OF PATRÍCIA GALVÃO: WEAVING A GEOBIOGRAPHY

LOS LUGARES DE PATRÍCIA GALVÃO: TEJIENDO UNA GEOBIOGRAFÍA

*Beatriz Santos de Souza*¹

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Brasil

*Tiago Vieira Cavalcante*²

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Brasil

Resumo: Somos seres que, mesmo em constante movimentação no espaço, possuímos lugares de base para a nossa existência. Vinculado por um longo tempo à ideia de localização, o conceito de lugar conquista um recinto na ciência geográfica nos anos de 1970, com a consolidação da Geografia Humanista. É essa linha de entendimento do lugar enquanto cenário de vida e existência que permeia a geobiografia. Traçar a geobiografia, e, no caso, aquela de uma escritora, é entender sua vida enquanto fenômeno situado. O bairro do Brás, na cidade de São Paulo, assim como a cidade de Santos – SP, foram os lugares que compuseram Patrícia Galvão enquanto ser-no-mundo e lhe mostraram o sentido de sua existência.

Palavras-chave: Lugar; Geobiografia; Patrícia Galvão.

Abstract: We are beings who, even in constant movement in space, have basic places for our existence. Linked for a long time to the idea of location, the concept of place gained ground in geographic science in the 1970s with the consolidation of Humanist Geography. It is this line of understanding of the place as a scenario of life and existence that permeates the geobiography. Tracing the geobiography, and, in this case, that of a writer, is to understand her life as a situated phenomenon. The neighborhood of Brás, in the city of São Paulo, as well as the city of Santos – SP, were the places that composed Patrícia Galvão as a being-in-the-world and showed her the meaning of her existence.

Keywords: Place; Geobiography; Patrícia Galvão.

Resumen: Somos seres que, aun en constante movimiento en el espacio, tenemos lugares básicos para nuestra existencia. Vinculado durante mucho tiempo a la idea de ubicación, el concepto de lugar ganó terreno en la ciencia geográfica en la década de 1970 con la consolidación de la Geografía Humanista. Es esta línea de comprensión del lugar como escenario de vida y existencia la que impregna la geobiografía. Trazar la geobiografía, y en este caso la de una escritora, es entender su vida como un fenómeno situado. El barrio de Brás, en la ciudad de São Paulo, así como la ciudad de Santos – SP, fueron los lugares que componían a Patrícia Galvão como ser-en-el-mundo y le mostraban el sentido de su existencia.

Palabras clave: Lugar; Geobiografía; Patrícia Galvão.

¹Mestranda em Geografia do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará – UFC. E-mail: beatrizsantosb90@gmail.com.

²Professor da Graduação e Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará – UFC. E-mail: tiagocavalcante@ufc.br

1. PARA PENSAR UMA GEOBIOGRAFIA

A “situação” de um homem supõe um “espaço” onde ele “se move”; um conjunto de relações e de trocas; direções e distâncias que fixam de algum modo o *lugar* de sua existência, “Perder a localização” é se ver desprovido de seu “lugar”, rebaixado de sua posição “eminente”, de suas “relações”, se encontrar, sem direções, reduzido à impotência e à imobilidade (Dardel, 2015, p. 14, grifo do autor).

Somos seres que, mesmo em constante movimentação no espaço, possuímos lugares de base para a nossa existência. Ao trazer o fragmento do geógrafo Eric Dardel em nossa epígrafe, compreendemos que nossas relações, enquanto seres situados no mundo, estão inseridas no lugar, ou nos lugares, que atravessamos e que nos atravessam.

Conforme Holzer (2014), o conceito de lugar, que tinha importância secundária na Geografia, perpassou um longo tempo vinculado ao conceito de localização em certo ponto do espaço. Entretanto, é nos anos de 1970, com a consolidação da Geografia Humanista, que vem como “[...] uma corrente da geografia humana que enfatiza os aspectos subjetivos das relações humanas e, por extensão, das ciências humanas” (Holzer, 2016, p. 15), que o conceito ganha um recinto na ciência geográfica, tornando-se importante nos estudos humanistas.

Numa busca por identidade, a Geografia Humanista apropria-se dos aportes da fenomenologia como base filosófica, atrelando “[...] as origens do significado e da experiência” (Relph, 1979, p.01). O mesmo autor, em outro de seus trabalhos, ainda esclarece que

A fenomenologia é uma filosofia que assume que o conhecimento não existe independente do homem, mas tem que ser obtido pela experiência de mundo do homem. A partir deste ponto de vista o mundo pode ser entendido somente por referência ao homem, e somente através das intenções e atitudes do homem. [...] O método fenomenológico é oferecido como um procedimento de descrição rigorosa para a investigação dos mundos vividos da experiência do homem (1970, p. 195).³

Esse mundo vivido apresentado por Relph é constituído de “[...] ambiguidades, comprometimentos e significados no qual estamos inextricavelmente envolvidos em

³ No original: Phenomenology is a philosophy in which it is assumed that knowledge does not exist independently of man, but has to be gained from man’s experience of the world. From this stand point the world can be understood only in its reference to man, and only through the intentions and attitudes of man. [...] The phenomenological method is offered as a procedure of rigorous description for the investigation of the lived-worlds of man’s experience (Relph, 1970, p. 195).

nossas vidas diárias, mas o qual tomamos por muito certo” (Relph, 1979, p. 03). É nesse mundo vivido que se faz o lugar, pois ele é:

[...] um microcosmo. É onde cada um de nós se relaciona com o mundo e onde o mundo se relaciona conosco. O que acontece aqui, neste lugar, é parte de um processo em que o mundo inteiro está de alguma forma implicado (Relph, 2014, p. 31)

Ainda na perspectiva fenomenológica, o lugar é aquele que:

[...] trata da experiência intersubjetiva do espaço (mundo) em seus fundamentos, quais sejam, distâncias e direções a serem vencidas, fisicamente ou na imaginação, sobre um determinado suporte que podemos chamar de “espaço geográfico”, constituindo-se a partir das vivências cotidianas como um centro de significados, como um intervalo, onde experimentamos intensamente o que pode ser denominado de geograficidade [...] (Holzer, 2014, p. 282).

No lugar a nossa existência é fundada e também é onde se dão as geograficidades, conceito de Dardel (2015, p. 01) que diz respeito ao “Amor ao solo natal ou busca por novos ambientes, uma relação concreta que liga o homem à terra [...]”. Afetividade, imaginário, identidade, simbolismo e sentido envolvem o que chamamos de geograficidade (Marandola Junior e Oliveira, 2009; Cavalcante, 2019). É onde ocorrem as interações entre ser e mundo. Sempre teremos um lugar para onde iremos e de onde partiremos.

Na linha de pensamento sobre o lugar enquanto cenário de vida e existência é que está a geobiografia, uma “[...] apreensão do curso da vida por meio dos lugares vividos” (Cavalcante e Silva, 2022, p. 13). Traçar a geobiografia, e, no nosso caso, os lugares de vida de uma escritora, é entender sua existência enquanto fenômeno situado. É também entender que:

[...] uma biografia, ao ser tomada como a história de uma vida, não quer dizer que seja somente baseada no que cronologicamente aconteceu, mas é feita de tudo o que atravessa e em seus entrecruzamentos, fazendo desse contar um trabalho árduo e, por assim dizer, incessante, contínuo (Cavalcante e Silva, 2022, p. 08).

No caso dos escritores, conhecer sua trajetória de vida pode ser algo além das datas e fatos ocorridos num determinado período de tempo, mas também adentrar nas frestas, deixadas em suas obras, dos lugares pelos quais transitou e escolheu afetivamente

como seus. A geobiografia vem com o intuito de pôr em evidência esses lugares vividos (Cavalcante e Silva, 2022).

Os escritos literários não são concebidos sem raízes geográficas, sem vestígios daqueles que os escreveram, pois “Em alguma parte, por toda a parte, ora oculta, ora manifesta, em tudo o que está escrito existe a forma de um ser humano” (Woolf, 2019a, p.47). Somos uma fusão dos lugares por onde passamos e fincamos raízes, dos lugares que nos atravessam e nos revelam o mundo. E na fenda entre a escrita literária e entender a vida de alguém “[...] é possível encontrar na biografia uma das dimensões para pensar o narrado e o vivido, um exercício para o entendimento dos entrelaçamentos das relações sociais e individuais” (Cavalcante e Silva, 2022, p. 45).

Cavalcante e Silva (2022) apontam que escrever uma biografia, e aqui ampliamos para a escrita de uma geobiografia, é semelhante ao ato de fotografar. E, de fato, é um processo análogo ao da fotografia, pois decidimos escolher certo ângulo da vida geobiografada até chegar ao mais próximo possível do propósito almejado. No entanto, diferentemente da fotografia, que registra no tempo uma imagem, a geobiografia revela os lugares de uma vida situada, de uma vida lida pelas palavras de quem escreve. Somos seres linguísticos, pois “As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras” (Bondía, 2002, p.21).

Nascida em São João da Boa Vista, no estado de São Paulo, em 1910, Patrícia Galvão não chegou a enraizar-se ali, pois, ainda criança, partiu em direção à capital paulista, onde começou a construir sua identidade no bairro proletário do Brás. Porém, foi na cidade de Santos que sua existência encontrou um propósito, ao filiar-se ao Partido Comunista Brasileiro – PCB, para seguir uma luta política. Esse lugar também foi palco de sua dissidência da mesma luta e onde ela escolheu realizar seu último ato antes de falecer, em 1962. (Furlani, 1999; Campos, 2014). Patrícia Galvão transformou sua vida em palavras ao escrever sua biografia. Entre tantas páginas, somos apresentados aos lugares que, de algum modo, edificaram a sua existência.

A escritora teceu suas geografias e as transformou em palavras a serem lidas nas páginas que se seguem. A palavra reforça a existência e o lugar torna-nos seres situados, e esse existir situado configura uma geobiografia.

2. DO QUINTAL PROLETÁRIO ÀS DOCAS SANTISTAS: A GEOBIOGRAFIA DE PATRÍCIA GALVÃO

Porque sobre as mulheres muito pouco se sabe. [...] De nossos pais sempre sabemos alguma coisa, um fato, uma distinção. Mas de nossas mães, de nossas avós, de nossas bisavós, o que resta? Nada além de uma tradição. Uma era linda; outra era ruiva; uma terceira foi beijada pela rainha. Nada sabemos sobre elas, a não ser seus nomes, as datas de seus casamentos e o número de filhos que tiveram (Woolf, 2019b, p. 09-10).

Rabiscar uma biografia, e aqui ampliamos para a geobiografia, explicada anteriormente, exige certa cautela na escolha das informações, momentos e lugares do (geo)biografado. O ato torna-se mais cauteloso se o nosso interesse é por uma mulher. A escritora Virgínia Woolf foi clara na epígrafe, ao afirmar que sabemos sobre as mulheres apenas aquilo que a tradição lhes permite ser e fazer.

A geobiografia que traçaremos aqui não é de uma mulher limitada à esposa do escritor Oswald de Andrade e, posteriormente, do jornalista Geraldo Ferraz, ou à mãe de Rudá de Andrade e Geraldo Galvão Ferraz. Passearemos, usando a palavra escrita, pelos lugares que fizeram parte de sua vida e a tornaram ser-no-mundo: o bairro do Brás, em São Paulo, e a cidade de Santos, no mesmo estado. Os lugares de Patrícia Galvão moldaram-na enquanto escritora, pois:

Os escritores oferecem suas visões de mundo dos lugares que vivenciam, faces da paisagem em que, cotidianamente, não reparamos. Narram a condição humana no mundo, da relação entre homem e a Terra. Sensível àquilo que se passa ao seu redor, à paisagem na qual estão inseridos, delineiam novas maneiras de olhar, (re)inventam geografias. O alimento dos escritores é o seu mundo particular, mas também os acontecimentos diversos que marcam o planeta (Cavalcante, 2019, p. 55).

Patrícia Galvão redigiu uma carta autobiográfica direcionada ao seu esposo, o jornalista Geraldo Galvão Ferraz, enquanto esteve presa, nos anos de 1940. Posteriormente, a carta foi organizada e publicada pelo jornalista e pelos dois filhos de Patrícia, Rudá de Andrade e Geraldo Galvão Ferraz, no livro *Paixão Pagu – a autobiografia precoce de Patrícia Galvão*.

Compreendemos que o propósito dela não era o de escrever um diário íntimo, um caderno no qual o escritor resguarda seus segredos. Todavia, ainda podemos fazer tal associação, baseados na explicação do escritor Maurice Blanchot, em *O livro por vir* (2005):

Escrever cada dia, sob a garantia desse dia e para lembrá-lo a si mesmo, é uma maneira cômoda de escapar ao silêncio, como ao que há de extremo na fala. Cada dia nos diz alguma coisa. Cada dia anotado é um dia preservado. Dupla e vantajosa operação. Assim, vivemos duas vezes. Assim, protegemo-nos do esquecimento e do desespero de não ter nada a dizer (Blanchot, 2005, p. 273).

Assim, diante da situação carcerária vivida pela escritora, o ato de escrever quebrou o silêncio da cela. Ela encontrou voz na escrita. Além disso, Patrícia Galvão parece ter vivido duas vezes, o que pode ser observado em trechos nos quais faz uma interrupção nos fatos narrados para expressar o sentimento que a invadia no momento:

Tenho hesitado. Para quê escrever? Para quê tudo isso? Penso em desistir. [...] É tão difícil retroceder quando isso significa uma passagem violenta de um estado para outro. Passar de novo pelo mesmo caminho de trevas percorrido... (Galvão, 2005, p. 64).

Não foram somente fatos postos em um papel, foi um reviver narrativamente. Em cada página escrita, Patrícia Galvão passeia por lugares e memórias que compuseram o mapa de sua vida.

Nasce em meio à modernização industrial e ao crescimento urbano do início do século XX, mais especificamente na data de 09 de junho de 1910, em São João da Boa Vista – SP. Patrícia Rehder Galvão, terceira filha de Adélia e Thiers Galvão de França (FURLANI, 1999). Em um Brasil responsável por 70% da exportação de café e uma São Paulo que, de 1889 até 1930, recebeu mais de dois milhões de imigrantes, grande parte rumo às culturas de café (Prado Jr., 1965 *apud* Furlani, 1999), Patrícia Galvão foi uma mulher que fez arte:

Foi poeta, desenhista, jornalista, musa inspiradora da 3ª geração do Modernismo, romancista, política militante, dissidente dessa mesma política, incentivadora da cultura brasileira e da cultura universal, mulher precursora (Furlani, 1999, p. 18).

E demonstrou que, desde criança, uma inquietação a rodeava:

Na nebulosa da infância, a sensitiva já procurava bondade e a beleza. Mas a bondade e a beleza são conceitos do homem. E a menina não encontrava a bondade e a beleza onde procurava. Talvez porque já caminhasse fora dos conceitos humanos.

O estado provisório da não-satisfação completa já me legava uma outra volúpia – a da procura. Assim, tenho andado farejando toda espécie de ideal (Galvão, 2005, p. 52).

E assim deu início a uma vida de constante busca pelo seu ideal. Foi no Brás onde as primeiras fagulhas de sua aspiração de vida surgiram. Quando completou dois anos de idade, mudou-se para a capital paulista, ficando até os dezesseis anos no referido bairro (Figura 1).

Figura 1 – Bairro do Brás – SP, 1910



Fonte: Acervo da página do *Facebook* Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo – IRFM – Memória e preservação⁴.

Sua residência era situada em uma vila operária com os fundos para fábrica de Tecelagem Ítalo-brasileira. Patrícia Galvão começou a construir sua identidade em um ambiente exclusivamente proletário. Ainda não existia nenhum interesse pela questão social, entretanto, havia afetos que a motivavam a observar a vida proletária, o lugar onde vivia comovia-a:

A questão social, durante esse tempo, nunca foi examinada com algum interesse. Presenciava manifestações e greves e, se nesses momentos tomava partido, era um *partipris* sentimental e, se exaltadamente acompanhava os movimentos, era por pura satisfação de meus sentimentos, à margem de

⁴Disponível em: https://www.facebook.com/industriasmatarazzo/photos/?ref=page_internal. Acesso em: 13. set. 2022.

qualquer compreensão ou raciocínio.

Era, naturalmente, contra os patrões, como se não pudesse ser outra forma, mas nunca pesquisei o motivo e nem as causas ou razões da luta de classes. [...] nunca supus que me ofertasse, um dia, inteiramente à causa proletária. A fé e a ilusão chegaram muito mais tarde (Galvão, 2005, p. 56-57).

O Brás apresentou Patrícia Galvão ao mundo proletário. Rodeada de chaminés, muros fabris e sons industriais, ela foi vivendo e tecendo geografias, e, inconscientemente, agregando à sua identidade os componentes que iriam fazê-la membro da luta política.

Em 1925, inicia no jornalismo, contribuindo no Brás Jornal, usando o pseudônimo Patsy. No mesmo ano, frequenta o Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, onde foi aluna de Mario de Andrade e Fernando Mendes de Almeida. Os primeiros passos no mundo das artes foram dados (Furlani, 1999; Galvão, 2005).

Em 1928 conhece o poeta Raul Boop, que lhe dedica o poema *Coco* (Furlani, 1999; Campos, 2014).

Pagu tem os olhos moles
uns olhos de fazer doer.
Bate-côco quando passa.
Coração pega a bater.
Eh Pagu eh!
Dói porque é bom de fazer doer [...]
(Coco, de Raul Boop, 1928 *apud* Furlani, 1999, p. 38).

É Boop quem lhe dá o famoso apelido, Pagu, e também lhe apresenta o escritor Oswald de Andrade e a pintora Tarsila do Amaral. Influenciada por Oswald e Tarsila, a escritora imerge no movimento antropofágico, tornando-se sua musa (Figura 2).

Figura 2 – Pagu e o Grupo Antropofágico, 1929



Fonte: Acervo Centro Pagu Unisanta⁵.

Patrícia Galvão, assim, mergulha no mundo das artes. Segundo Furlani (1999) e Campos (2014), ela estreia com seus desenhos na Revista Antropofágica e, entre 1928 e 1930, escreve os Setenta Poemas Censurados (nome dado pela própria escritora), porém nunca encontrados, pois as publicações na época só deixaram vestígios da existência de tais poemas. Em 1929, elabora, mas publica apenas em 1975, o *Álbum de Pagu*, dedicado a Tarsila do Amaral, com poemas e desenhos. Também elaborou um caderno de croquis e um diário, com Oswald de Andrade, (*O Romance da época anarquista* ou *Livro das horas de Pagu que também são minhas*).

Por mais que carregasse o espírito modernista e estivesse criando arte constantemente, ainda sentia a ausência do ideal desejado em sua infância:

As minhas relações de família sempre foram irregulares e contraditórias. Da mais extrema obrigação sentimental à mais inexplicável indiferença. [...] eu me sentia à margem das outras vidas e esperava pacientemente minha oportunidade de evasão. [...] durante muito tempo, a minha vida foi só simular para libertar-me [...] (Galvão, 2005, p. 57-59).

Sua busca prossegue, até que, em 1931, depois da visita de Astrogildo Pereira, um dos primeiros comunistas de destaque nas suas relações políticas, é fundado o jornal *O Homem do Povo*, e a escritora fica à frente da seção *A Mulher do Povo*.

⁵Disponível em: <http://www.pagu.com.br/imagens-de-pagu/>. Acesso em: 14set. 2022.

Patrícia Galvão redigia textos “[...] compostos de observações fragmentárias, crítica hábitos e valores das mulheres paulistas, desancando o feminismo pequeno-burguês em voga [...]” (Campos, 2014, p. 35).

Com um conteúdo polêmico para época, o jornal teve apenas oito números. O escritório onde produziam foi depredado por alunos da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo (Galvão, 2005).

Mesmo assim, Patrícia Galvão não estagnou. Seu ideal estava cada vez mais próximo e, depois de uma longa conversa com Luís Carlos Prestes em Montevideú, capital do Uruguai, ela foi apresentada ao que tanto buscou:

Conversamos três dias e três noites, num cafezinho fechado e deserto. [...]. Consegui saber que o comunismo era coisa séria. E fiquei conhecendo a grandiosidade de uma coisa até então desconhecida para mim – o espírito do sacrifício. Prestes mostrou-me concretamente a abnegação, a pureza de convicção. Fez-me ciente da verdade revolucionária e acenou-me com a fé nova. A alegria da fé nova. A infinita alegria de combater até o aniquilamento pela causa dos trabalhadores, pelo bem geral da humanidade (Galvão, 2005, p. 75).

A partir daí, um novo lugar adquire significados para a escritora. A cidade de Santos, em São Paulo, configura-se como o lugar de sua conversão. Onde o seu ideal pôde, enfim, ser alcançado. Foi nas docas santistas o início da vida política de Patrícia Galvão no Partido Comunista Brasileiro – PCB:

Rua Xavier da Silveira. Maresia. Peixes fritos. Azeite. Café. Benevolência até pelas essências de armarinho. A importância do olfato. Tudo era um cheiro só, concentrado. Nunca pude esquecer esse cheiro. O estuário, os cilindros de ferro. Depois tudo focalizado num só quadro, que foi o altar da minha conversão, do meu batismo. A silhueta negra, a camisa vermelha. O céu de fogo, o mar de fogo. O preto Herculano encostado na amurada do cais. Quando me estendeu a mão, foi para me entregar a fé (Galvão, 2005, p.80).

A paisagem de múltiplos aromas e o sentimento único de pertença fizeram parte da conversão de Patrícia. Ela passou a seguir fielmente o lema do PCB: Proletarizar-se!

Mas as tensões não tardaram, e em agosto de 1931, em Santos, na Praça da República, enquanto participava do comício do Partido e dos estivadores, foi presa e levada para a Praça dos Andradas. A primeira mulher presa política na Era Vargas, com um total de 23 prisões durante sua vida. Herculano, o responsável pela sua conversão,

falece em seu colo durante o comício, após ser baleado por militares (Furlani, 1999; Galvão, 2005). Santos foi, ao mesmo tempo, o lugar de sua conversão e degradação.

Patrícia Galvão torna-se praticamente uma peregrina, constantemente mudando de estado, cidade, bairro. É afastada, temporariamente, do partido por acusações de agitações e, em 1932, é mandada para o Rio de Janeiro, onde passou a morar em uma vila operária e a trabalhar em diferentes ofícios, como lanterninha, tecelã e até em uma metalúrgica. Em decorrência disso, fica muito doente e, impossibilitada de trabalhar, volta para São Paulo (Furlani, 1999; Galvão, 2005).

Continuando sua vida em trânsito, e agora como perseguida política, a escritora vê-se novamente afastada do partido por tempo indeterminado. Incentivada pelo companheiro que anunciou seu afastamento, ela decide escrever o romance *Parque Industrial* (1933):

Pensei em escrever um livro revolucionário. Assim nasceu a idéia de Parque Industrial. Ninguém havia ainda feito literatura neste gênero. Faria uma novela de propaganda que publicaria com pseudônimo, esperando que as coisas melhorassem.

Não tinha nenhuma confiança nos meus dotes literários, mas como minha intenção não era nenhuma glória nesse sentido, comecei a trabalhar. Fiquei morando com Oswald no Bosque da Saúde, enquanto trabalhava no livro.

Depois publiquei apressadamente a novela. Não tinha por ela entusiasmo e, se não fosse por insistência de Oswald, não teria feito (Galvão, 2005, p. 111-112).

O romance foi a maneira encontrada por Patrícia Galvão para apoiar o partido, mesmo afastada. Na obra, é perceptível o uso que ela faz de suas experiências proletárias nos lugares em que viveu e por onde transitou, como Brás, São Paulo, Santos, Rio de Janeiro, Montevideú, assim como também pelos diferentes lugares onde trabalhou para se proletarizar, a mando do partido. Além de cenários proletários como a fábrica, o ateliê e o cortiço, a escritora mostra-nos o lado burguês de São Paulo, com a Escola Normal e os bailes de gala (Furlani, 1999; Galvão, 2005).

Patrícia Galvão expõe, no romance citado, a difícil vida das proletárias do Brás, e a figura feminina é o ponto focal. Exploração fabril, prostituição, abuso sexual, assédio moral, objetificação feminina e a luta trabalhista, temas que ela tratara abertamente, trazendo à tona o outro lado do avanço industrial de São Paulo, do ponto de vista das mulheres operárias. Podemos definir *Parque Industrial* como um “Fruto da vivência proletária e partidária [...]” de Patrícia Galvão (Campos, 2014, p. 37).

Após a publicação do romance, ela parte em uma viagem como representante

dos jornais cariocas *Diário de Notícias* e *Correio da Manhã*, e do jornal paulista *Diário da Noite*, por lugares dentro e fora do Brasil: Rio de Janeiro, Belém, mas também, Califórnia, Japão, China, Rússia, Polônia, Alemanha e França. Depois de finalizar a viagem, muda-se para Paris, onde passa a atuar no jornal *L'Avant-Gard*. Usando o pseudônimo Léonie, Patrícia Galvão filia-se ao Partido Comunista Francês. Depois de ser presa por três vezes e de quase ser deportada para a Alemanha nazista, é repatriada para o Brasil, após os esforços do embaixador brasileiro Souza Dantas (Furlanni, 1999; Galvão, 2005; Campos, 2014).

Seu envolvimento com Oswald chega ao fim e passa a se dedicar inteiramente ao mundo jornalístico. Em 1945, com a colaboração de seu segundo marido, Geraldo Ferraz, publica o seu segundo romance, *A Famosa Revista*. Nesse romance, “[...] o amor se mistura com a crítica ao partido, mostrando marcas de sua evolução (em relação ao primeiro romance). Pelo trabalho criativo, ela lapida a construção de si própria” (Furlani, 1999, P. 71).

Em 1954, Patrícia Galvão retorna a Santos para dedicar-se ao jornalismo, à crítica literária e ao teatro. Nesse período, passa a entender que era pela arte que a almejada mudança no mundo seria feita. Diagnosticada com câncer, na véspera de sua viagem à Paris para realização de tratamento, publica seu último texto em vida, intitulado *Nothing*, no jornal *A Tribuna*, em 1962. Infelizmente, o tratamento não teve sucesso.

Em decorrência, Patrícia Galvão é trazida a Santos para vivenciar seus últimos momentos. Cidade que escolheu para amar, a qual deu vida à militante que tentava mudar o mundo, mas que também a apresentou ao lado nebuloso da luta. Lugar onde ela amava viver e queria morrer (Furlani, 1999; Galvão, 2005). E no dia 12 de dezembro de 1962, ela realiza o seu último ato.

“Deu-se esta semana uma baixa nas fileiras de um agrupamento de raros combatentes. Ausência desde 12 de dezembro de 1962, que pede seu registro do companheiro humilde, que assina estas linhas. Patrícia Galvão morreu neste dia de primavera, nessa quarta-feira, às 16 horas (...) Morreu aqui em Santos, a cidade que mais amava, na casa dos seus, entre a Irmã e a Mãe que a acompanhavam, naquele momento e, felizmente, em poucos minutos, apenas sufocada pelo colapso que a impedia de respirar, pela última palavra que pedia ainda liberdade, ‘desabotoa-me esta gola’.” - Geraldo Ferraz, em “A Tribuna”, 16/12/1962 (Fenske, 2014, s.p.).

Um corpo em constante ação, uma alma de luta, uma mulher que fazia e era arte

Assim foi Patrícia Galvão. Apresentada ao cenário proletário no Brás, convertida ao comunismo em Santos e violada física e mentalmente neste último lugar. Os lugares de Patrícia Galvão abriram caminhos pedregosos, mas em suas bordas havia flores onde habitava a arte.

3. PARA QUÊ CONCLUIR?

Onde nossa existência é fincada e as geograficidades são tecidas, assim pensamos o lugar ou os lugares. Somos seres em constante movimento, estabelecendo elos por onde transitamos. Possuímos um mundo vivido recheado de particularidades. Como seres de carne, osso e sentimentos, os escritores também carregam ligações emocionais com os diversos lugares pelos quais perambulam, sejam esses reais ou imaginados.

Conhecer a vida dos escritores por meio de seus lugares é uma diferente maneira de enxergar uma faceta deles, às vezes escondida nas linhas de seus romances. Geobiografar é dar ênfase à trajetória espacial, ir além dos acontecimentos esperados em uma biografia: nascimento, casamento, filhos, publicações, falecimento. A geobiografia revela trajetórias situadas, neste caso, pensada a partir da vida e da obra dos escritores, de uma escritora.

Quando optamos por geobiografar uma escritora, o desafio eleva-se. O desejo não é saber apenas se eram bonitas, cortejadas, casadas, se possuíam filhos ou não, se eram recatadas dentro de ambientes domiciliares, familiares. Patrícia Galvão foi um claro exemplo de escritora com feitos diversos ao longo de sua vida; feitos que quebraram barreiras.

Cada pessoa tem um lugar para chamar de seu e com Patrícia Galvão não foi diferente. Brás e Santos, em São Paulo, foram lugares que a compuseram enquanto ser-no-mundo e lhe mostraram o sentido de sua existência. Nascida em 1910, teve uma vida de sabores doces e amargos, de afetos e desafetos, de idas e vindas. O bairro do Brás lhe apresentou o cenário proletário, e a cidade de Santos foi palco de sua conversão e dissidência política, além de lugar para ser e fazer arte, onde ela escolheu realizar seu último ato, em 1962.

Patrícia Galvão sempre almejou um ideal e, ao filiar-se ao PCB, acreditou que o

tinha alcançado. Entretanto, esse foi apenas o começo de uma fase agitada, que terminaria com seu afastamento definitivo do partido. Felizmente essa experiência legou-nos a escritura do romance *Parque Industrial* (1933), como um registro de uma fase vivida por ela e por um Brasil em período de industrialização. No fim, o teatro e o jornalismo foram os caminhos que escolheu para a busca de uma mudança no mundo.

Torna-se evidente, portanto, que esse não é um ponto final de sua geobiografia. São apenas os primeiros passos diante de uma vida tecida por múltiplos lugares, e o bairro do Brás e a cidade de Santos foram apenas alguns desses vários lugares de Patrícia Galvão.

4. REFERÊNCIAS

BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC>. Acesso em: 13 set. 2022.

CAMPOS, Augusto de. *Pagu: vida e obra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

CAVALCANTE, Tiago Vieira. *Geografia Literária em Rachel de Queiroz*. Fortaleza: Edições UFC, 2019.

CAVALCANTE, Tiago Vieira; SILVA, Cristina Maria da. *Rachel, Rachéis: travessias entre saberes*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2022.

DARDEL, Eric. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.

FENSKE, Elfi Kürten. *Patrícia Galvão, a Pagú: musa antropofágica e visionária*. 23 abr. 2014. Disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/2014/04/patricia-galvao-pagu-musa-antropofagica.html>. Acesso em: 15set. 2020.

FURLANI, Lúcia Maria Teixeira. *Pagu - Patrícia Galvão: livre na imaginação, no espaço e no tempo*. 5ª ed. rev. ampl. - Santos (SP): Ed. UNISANTA - Universidade Santa Cecília, 1999.

GALVÃO, Patrícia. Patrícia Galvão. In. FERRAZ, Geraldo Galvão (org.). *Paixão Pagu: uma autobiografia precoce de Patrícia Galvão*. 1ª ed. - Rio de Janeiro: Agir, 2005.

HOLZER, Werther. Mundo e Lugar: ensaio de geografia. In: MARANDOLA JUNIOR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (org.). *Qual o espaço do lugar?* São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 281-304.

HOLZER, Werther. *A Geografia Humanista: sua trajetória 1950-1990*. Londrina: Eduel, 2016.

MARANDOLA JR, Eduardo; OLIVEIRA, Livia de. Geograficidade e espacialidade na literatura. *Geografia*, Rio Claro, v. 3, n. 34, p. 487-508, dez. 2009. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/4795>. Acesso em: 13 set. 2022.

RELPH, Edward C. Na inquiry in to the relations between phenomenology and geography. *Canadian Geographer*, Montreal, v. 14, n. 03 p. 193-201, 1970.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JUNIOR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (org.). *Qual o espaço do lugar?* São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 17-32.

WOOLF, Virginia. *A arte do romance*. Trad. Denise Bottmann. Porto Alegre [RS]: L&PM POCKET, 2019a.

WOOLF, Virginia. *Mulheres e ficção*. Trad. Leonardo Fróes. São Paulo [SP]: Penguin Classics, Companhia das Letras, 2019b.

Recebido em 15/08/2023

Aceito em 15/09/2023

Publicado em 26/01/2024